

ALEGORIA E APLICABILIDADE: O ENCONTRO ENTRE O REAL E O FANTÁSTICO NOS HOBBITS DE TOLKIEN

Isabela Delli Colli Zocolaro Turino*
Renata Junqueira de Souza**

RESUMO: Considerando o crescente interesse pelas histórias fantásticas, buscamos, neste artigo, analisar os personagens fantásticos de Tolkien, chamados *hobbits* e entender se tais histórias de fantasia, embora cercadas pelo sobrenatural, trazem elementos que ajude o leitor a refletir sobre o mundo prosaico em que vivem. Para tal, investigamos esta temática a partir de autores como Tolkien (2006) e Held (1980), que nos ajudam a estabelecer conexões possíveis existentes entre o fantástico e o real.

Palavras-chave: Literatura Fantástica. J. R. R. Tolkien. O hobbit.

Introdução

Ao falar sobre literatura fantástica, atualmente, histórias como *O senhor dos Anéis* de Tolkien, *As crônicas de Nárnia* de Lewis, *As crônicas de gelo e fogo* de George R. R. Martin, entre outras, logo vem à mente. Isso acontece porque tais histórias têm estado presentes, desde seu lançamento até os dias atuais, na formação do imaginário dos leitores e de telespectadores com suas adaptações para filmes e séries. Segundo Garcia (2010), nos últimos anos podemos perceber um interesse crescente pelas histórias de ficção fantásticas nos diferentes formatos e linguagens.

Este crescente apego pelas histórias de fantasia faz com que esse seja um estilo literário cada vez mais estudado, levando-nos a perguntar por que os mundos fantásticos chamam tanta atenção dos leitores, uma vez que trata sobre mundos que “teoricamente” pouco se assemelham à realidade do leitor e teriam assim poucas oportunidades de identificação, o que é essencial, pois entendemos que uma história para ser compreensível, deve trazer elementos comuns ao leitor, ao que é natural em sua realidade (HELD, 1980).

Dessa forma, nos questionamos neste trabalho se nas obras fantásticas ocorridas em um mundo extraordinário há elementos do mundo real que podem fazer o leitor se identificar e compreender melhor o mundo onde vive ou, ainda, o seu próprio “eu”.

Para uma maior delimitação desta pesquisa, fizemos um breve estudo das obras *O Hobbit* de J. R. R. Tolkien e da trilogia *O Senhor dos Anéis*, buscando possibilidades de identificação nos personagens *hobbits*, a partir de discussões do próprio Tolkien em seu ensaio *Sobre histórias de fadas* (2006) e em suas cartas compiladas no livro *Cartas de J. R.R Tolkien* (CARPENTER; TOLKIEN, 2006); além disso, buscamos, também, amparo nas discussões de Jacqueline Held em *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica* (1980).

Em primeiro lugar, apresentamos uma discussão teórica sobre a narrativa fantástica, dialogando sobre a literatura fantástica e a literatura maravilhosa. Em segundo lugar,

* Graduada em Pedagogia (UNESP/Presidente Prudente-SP) e atualmente no mestrado em Educação (UNESP/Presidente Prudente-SP) com um projeto intitulado - Literatura e cinema: as conexões em “As crônicas de Nárnia: o leão, a feiticeira e o guarda-roupa”. Tem desenvolvido pesquisa na área da literatura infanto-juvenil, literatura fantástica e contação de histórias. Recentemente defendeu um TCC com o tema – Planejar para contar: percursos na formação de leitores literários no CELLIJ, e foi coautora de um capítulo no livro - A criança e a literatura infantil: práticas para incentivar a leitura. E-mail: beladc.zocco@gmail.com.

** Doutora em teoria da literatura, professora sênior na UNESP e professora visitante na UFOP (Programa de Pós-graduação em Educação – Ouro Preto–MG, Brasil). Livre-docente em Metodologia e Prática de Ensino de Língua Portuguesa. Tem pós-doutorados na área de Literatura e Ensino, fundou o CELLIJ — Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” —, local onde coordena o grupo de pesquisa. Recentemente participou da organização de dois livros publicados sobre práticas de leitura literária na escola. E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com.

apresentamos os estudos de Tolkien sobre a narrativa maravilhosa e o que ele considera essencial nessas histórias, quando apresenta os conceitos “recuperação”, “alegoria” e “aplicabilidade”; palavras que muitas vezes foram usadas por ele ao abordar como elas se relacionam e se apresentam em suas obras. E, por fim, a partir de uma breve análise sobre as obras mencionadas, respondemos a questão levantada neste artigo.

Desta forma, temos como objetivo entender, a partir dos protagonistas das obras fantásticas *O Hobbit* e a trilogia *O Senhor dos Anéis*, se as histórias de fantasia, embora cercadas pelo sobrenatural, trazem elementos que ajudam os leitores a refletirem sobre o mundo prosaico onde vivem.

Desenvolvimento

1. Uma introdução aos estudos da narrativa fantástica

Ao falar sobre literatura fantástica, é necessário que abordemos ao menos um pouco sobre Tzvetan Todorov, autor búlgaro que trouxe uma das maiores contribuições ao estudo do gênero em seu livro *Introdução à literatura fantástica* (1981). Para ele, o fantástico da narrativa nasce a partir de um contexto comum que, de repente, é invadido pelo sobrenatural. Nesse momento da iminência do insólito, personagem e leitor verão sua realidade questionada e, durante a história, definirão por dois caminhos: ou há uma explicação racional para aquele fenômeno - por meio da ciência, de um sonho *etc.* - ou então, aquilo está realmente acontecendo e mostra aos personagens (e ao leitor) que as leis do real não são tão fixas como haviam imaginado.

Assim que personagem e/ou leitor definem por um destes caminhos, o fantástico acaba e entra-se em outros gêneros vizinhos: o estranho - se houver uma explicação racional - ou o maravilhoso - caso a nova realidade seja aceita. Portanto,

Vimos que o fantástico não dura mais que o tempo de uma vacilação: vacilação comum ao leitor e ao personagem, que devem decidir se o que percebem provém ou não da “realidade”, tal como existe para a opinião corrente. Ao finalizar a história, o leitor, se o personagem não o tiver feito, toma, entretanto, uma decisão: opta por uma ou outra solução, saindo assim do fantástico. Se decidir que as leis da realidade ficam intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra pertence a outro gênero: o estranho. Se, pelo contrário, decide que é necessário admitir novas leis da natureza mediante as quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do maravilhoso (TODOROV, 1981, p. 24).

Mais contemporaneamente temos as discussões de David Roas (2014) sobre o fantástico. O autor concorda com Todorov (1981) que o fantástico nasce em um ambiente comum que de repente é invadido por um elemento sobrenatural. Por outro lado, Roas (2014) discorda da necessidade de vacilação, e coloca a transgressão do sobrenatural no prosaico como fator essencial do fantástico. Dessa forma,

para que a história narrada seja considerada fantástica, deve-se criar um espaço similar ao que o leitor habita, um espaço que se verá assaltado pelo fenômeno que transtornará sua habilidade. É por isso que o sobrenatural vai supor sempre uma ameaça à nossa realidade, que até esse momento acreditávamos governada por leis rigorosas e imutáveis (ROAS, 2014, p. 31).

Se levarmos em consideração os estudos de Todorov (1981) e Roas (2014), veremos que histórias como *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, por exemplo, tão presentes no imaginário

fantástico atual, não fazem parte do gênero da literatura fantástica, mas sim da literatura maravilhosa.

A literatura maravilhosa ocorre em outro mundo, marcado por leis próprias. Nestas histórias nem sempre há uma vacilação possível ao personagem, e nem uma transgressão do sobrenatural, pois esse é aceito desde o início, e as leis daquele mundo sustentam a existência desses seres. Assim,

o mundo maravilhoso é um lugar totalmente inventado em que as confrontações básicas que geram o fantástico [...] não estão colocadas, já que nele tudo é possível - encantamentos, milagres, metamorfoses - sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que seja algo normal, natural. [...] dentro dos parâmetros físicos desse espaço maravilhoso, aceitamos tudo aquilo que acontece sem questioná-lo (não o confrontamos com a nossa experiência de mundo). Quando o sobrenatural se converte em natural, o fantástico dá lugar ao maravilhoso (ROAS, 2014, p. 34).

Este é o mundo dos contos de fadas, onde o “era uma vez” transporta o leitor para um outro contexto, bem diferente daquele que ele conhece e que, para Todorov (1921) e Roas (2014), marcariam um gênero diferente do fantástico.

Porém, esses autores citados consideram a literatura fantástica como gênero literário, em que há a necessidade de criar delimitações. Outros estudiosos, entretanto, estudam esta literatura como modo, e valem-se dela de maneira mais abrangente, de forma que, segundo Felipe Furtado (2009, n.p), a literatura fantástica do ponto de estudo modal inclui “desde os mitos, os contos de fadas ou o romance gótico de sobrenatural aceito a diferentes áreas da ficção científica”.

Neste artigo entendemos as histórias de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, que ocorrem na Terra Média, como parte do maravilhoso; mas considerando a literatura fantástica como modo, entendemos este maravilhoso como uma das formas de expressão do fantástico e, por isso, como obra parte da literatura fantástica.

2. Mundo Secundário e histórias de fadas

Em seu ensaio *Sobre histórias de fadas* (2006), J.R. R. Tolkien fala sobre o mundo das fadas, algo que ele denomina como *Faerë* ou, segundo a tradução brasileira, o Belo Reino. Esse mundo é o universo mágico, criado por um contador de histórias ou por um escritor, no qual há leis diferentes das que regem o nosso mundo, e o aparecimento de seres como fadas, gigantes, trolls são considerados possíveis.

Nas histórias de fadas, os eventos ocorrem em um mundo extraordinário, com personagens muitas vezes igualmente extraordinários, em que o autor age como um sub-criador. Portanto, assim como para o autor católico, Deus criou o Mundo Primário onde nós leitores vivemos, o autor de uma história de fadas cria um Mundo Secundário onde os personagens vivem (TOLKIEN, 2006).

Nesta história, se o autor for bem-sucedido “concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar. Dentro dele, o que ele relata é ‘verdade’: está de acordo com as leis daquele mundo. Portanto, acreditamos enquanto estamos, por assim dizer, do lado de dentro” (TOLKIEN, 2006, p. 44). Assim, o autor defende que qualquer história que aconteça no Belo Reino é uma história de fadas, ou, utilizando os termos de Roas (2014) e Todorov (1981), uma história maravilhosa. Para Tolkien, é o Belo Reino o elemento principal das histórias, não as bruxas, os ogros e as próprias fadas, ou a magia; mas sim este Mundo Secundário, que torna todos estes elementos possíveis:

Por ora só direi isto: uma “história de fadas” é aquela que resvala ou usa o Belo Reino, qualquer que seja sua finalidade principal - sátira, aventura, moralidade, fantasia. O próprio Belo Reino talvez possa ser traduzido mais proximamente por Magia - mas uma magia com disposição e poder peculiares, no pólo mais afastado dos artifícios vulgares do mágico laborioso e científico. Há uma ressalva: se houver alguma sátira presente na narrativa, de uma coisa não se deve zombar: a própria magia. Nesse tipo de história ela precisa ser levada a sério, não deve ser motivo de riso nem de muitas explicações (TOLKIEN, 2006, p. 16).

Para a história ser bem-sucedida ela deve possuir o que o autor chamou de “consistência interna da realidade”, que significa que dentro daquele universo, as regras precisam fazer sentido. Por mais sobrenaturais que sejam os eventos e os personagens, eles devem estar de acordo com as regras daquele mundo. Não basta dizer que o sol é verde, é preciso fazer com que este sol verde seja crível (TOLKIEN, 2006).

Quem conhece as obras literárias de Tolkien, percebe que ele levou este trabalho bem a sério. Suas histórias mais famosas ocorrem no Mundo Secundário da Terra Média, onde *hobbits*, *orcs*, magos, anões, elfos e homens, dentre outros seres, coexistem em um mundo, em que tudo é detalhadamente explicado e faz com que todo o universo seja completamente crível e se torne real enquanto dura a leitura. O autor cria até mesmo mapas detalhados – como os que existem em nossa realidade – sobre seu novo mundo, aproximando mais o leitor de sua fantasia ao relacioná-la ao mundo concreto.

Por outro lado, estamos falando de um universo, à primeira vista, completamente diferente do mundo do leitor, com personagens igualmente absurdos à nossa realidade. Os protagonistas de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* são criaturas inventadas pelo próprio Tolkien. Nesse caso, nessas histórias, com o que o leitor poderia se identificar? Ora, “se um elemento extraordinário se encontra projetado em um mundo igualmente extraordinário... onde estaria eu? [...] Poderia haver essa calorosa projeção do leitor, esse processo de identificação que parece ser atitude essencial da leitura?” (HELD, 1980, p. 72).

Essas questões buscaremos responder a seguir.

3. Recuperação, alegoria, aplicabilidade

O Hobbit, lançado em 1937, é a história de um *hobbit* chamado Bilbo que vive em uma toca no Condado, localizado na região noroeste da Terra Média. *Hobbits* são seres pequenos que podem medir de 60 centímetros a 1,20 metro de altura (às vezes chegam a 1 metro e meio), tem pés grandes e peludos, e, por isso, raramente usam sapato; os cabelos são encaracolados, e apenas uma de suas espécies chega a ter barba. Gostam de uma vida sossegada, geralmente preocupados apenas em comer várias vezes ao dia e ter o maior conforto possível (TOLKIEN, 2000).

Bilbo Bolseiro é um *hobbit* que vive em uma toca confortável e que, sem esperar, acaba sendo convidado para uma aventura com um mago e treze anões. Bilbo, como qualquer *hobbit*, não gosta de aventuras, mas há uma centelha dentro dele, que o instiga a aceitar o convite e embarcar em uma jornada de aventuras.

O que acontece a seguir é uma história fascinante, em que o menor entre os personagens se mostrará o maior em sabedoria e em virtudes, e proporcionará aos leitores gigantescas aventuras em um mundo extraordinário, com seres fantásticos como magos, *orcs*, *trolls* e elfos. Apesar de toda a fantasia, proporcionará ao leitor se identificar com muitos elementos dessa narrativa, como descreveremos a diante.

As aventuras dessa história dão origem a outros três livros lançados a partir de 1954, nos quais o Anel, aparentemente inofensivo, encontrado por Bilbo na narrativa inicial, se mostra uma força verdadeiramente maligna e deverá ser destruído.

Como mencionamos, a identificação do leitor com elementos da história é parte essencial da leitura, segundo a análise de Marc Soriano em *Identification dans la lecture* citado por Jacqueline Held (1980). Além disso, entendemos que “qualquer história, para ser ‘compreensível’, comunicável, supõe um mínimo de referências à experiência comum do escritor e do leitor, um mínimo pois, de referências ao humano, ao ‘natural’ ao ordinário” (HELD, 1980, p. 72). Por isso, questionamos como essa identificação pode ocorrer em um universo onde nada, à primeira vista, é similar ao mundo do leitor como, por exemplo, nas narrativas de Tolkien, que se passam na Terra Média.

O que ocorre é que mesmo essas histórias extraordinárias carregam em si elementos naturais, psíquicos e sociais do mundo prosaico (HELD, 1980). Carregam entre seus heróis e seus monstros elementos comuns aos seres humanos, que faz com que os leitores, muitas vezes, se enxerguem nos personagens, ou nas situações que eles enfrentam.

O autor de uma história traz para narrativa aquilo que faz parte de sua vivência, sendo ele mesmo humano, vivente em um Mundo Primário, traz para sua história aquilo que conhece e que experimenta. Para um autor de histórias fantásticas é essencial que coloque elementos desconhecidos, “mas também ter suficientemente elementos humanos, psicológicos, históricos, sociológicos conhecidos, para que ‘a corrente passe’, para que o contato se estabeleça” (HELD, 1980, p. 153).

Este efeito pode ser ainda maior nas obras de J. R. R. Tolkien, pois para o autor todo conto de fadas deveria causar o que ele chamou de “recuperação”, isso é, possibilitar que por meio do outro mundo, o leitor possa ver melhor o próprio Mundo Primário (TOLKIEN, 2006).

Para ele, com o tempo, o Mundo Primário, aos olhos dos homens, pode tornar-se monótono, sempre com as mesmas cores e as mesmas linhas, e assim, as pessoas podem perder a graça de contemplá-lo. Nesse caso, admirar os elementos de um mundo fantástico seria então uma forma de recuperar a admiração pelo próprio mundo, a recuperação “possibilita que os que leem tais textos enxerguem o Mundo Primário, o mundo real, de forma renovada” (ROCHA, 2022, p. 46).

Tolkien afirmava que o Condado não fazia referência à Inglaterra, mas admitia que sua experiência, criado em uma vila quase rural, influenciava seus modelos, como aconteceria com qualquer outra pessoa (CARPENTER; TOLKIEN, 2006). Em uma carta dirigida a Herbert School, em novembro de 1957, ele afirma: “nasci em 1892 e vivi meus primeiros anos no ‘Condado’ em uma época pré-mecânica. Ou mais importante, sou um cristão (o que pode ser deduzido a partir de minhas histórias) e de fato um católico romano [...]” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p. 275). Nesse trecho percebemos o quanto suas histórias foram influenciadas por suas experiências pessoais e seus próprios gostos, afinal o autor também chega a afirmar: “sou de fato um *Hobbit* (em tudo, exceto no tamanho). Gosto de jardins, de árvores e de terras aráveis não-mecanizadas; fumo um cachimbo e gosto de uma boa comida simples [...]” (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p. 275, grifo do autor).

Ou seja, seus protagonistas, criaturas tão estranhas, são baseados no ideal de um homem inglês comum. Por isso, em suas narrativas, mesmo sem intenção, os elementos extraordinários estão repletos de relações com o mundo prosaico, e é possível enxergar em seus personagens e aventuras sobrenaturais, elementos reais ao mundo do leitor. Embora fosse contra alegorias - ou seja, utilizar figuras simbólicas para, intencionalmente, representar algo - Tolkien sabia que sua história estava cheia do que ele chama de aplicabilidade, como ele mesmo afirma ainda na carta a Herbert School:

Não há “simbolismo” ou alegoria consciente em minha história. [...] Por não haver alegoria não quer dizer, é claro, que não há aplicabilidade. Sempre há. E visto que não tornei o conflito completamente inequívoco: preguiça e estupidez entre os hobbits, orgulho [...] entre os Elfos, ressentimento e cobiça nos corações dos Anões, e tolice e perversidade entre os “Reis dos Homens” e traição e sede de poder até mesmo entre

os “Magos”, suponho que haja aplicabilidade em minha história aos tempos atuais (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p. 250).

Sua história, seus personagens, locais e circunstâncias não foram escritos com o intuito de representar algo no mundo real, mas cada leitor deveria estar livre para encontrar na história relações com sua vida cotidiana, pois, como ele mesmo demonstrou, seus personagens extraordinários carregavam virtudes e defeitos comuns aos seres humanos, que servem como fonte de identificação.

Em outra carta de Tolkien encaminhada ao seu filho Christopher que estava lutando na Segunda Guerra, o autor faz uma analogia entre seus personagens e o contexto mundial, mostrando mais uma vez a aplicabilidade da história e ao mesmo tempo, como elementos do mundo real influenciavam sua escrita:

Um serviço fundamentalmente maligno. Pois estamos tentando conquistar Sauron com o Anel. E seremos bem-sucedidos (ao que parece). Contudo, a punição, como você sabe, é criar novos Saurons e lentamente transformar Homens e Elfos em Orcs. Não que na vida real as coisas sejam tão claras como em uma história, e começamos com muitos Orcs no nosso lado. ... Bem, aí está você: um hobbit entre os Urukhai. Mantenha sua hobbitéz no coração e pense que todas as *histórias* assim se parecem quando você está *nelas*. Você está dentro de uma história muito grande! (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p. 80, grifos do autor).

A diferença entre alegoria e aplicabilidade, ao refletir sobre as falas de Tolkien, seria que a alegoria criticada pelo autor é feita com intenção, e seu significado está restrito a ele; por outro lado, a aplicabilidade deixa livre para cada leitor. Assim, o anel, por exemplo, pode significar a corrupção do pecado, do dinheiro, a bomba atômica, ou qualquer dificuldade que alguém precise carregar no dia a dia. Cada leitor, a partir de suas experiências, realiza as próprias conexões:

É possível fazer do Anel uma alegoria de nossa própria época caso se queira: uma alegoria do destino inevitável que espera por todas as tentativas de derrotar o poder do mal com poder. Mas isso ocorre unicamente porque todo poder mágico ou mecânico sempre trabalha desse modo. Não se pode escrever uma história sobre um anel mágico aparentemente simples sem que isso acabe surgindo, caso realmente se leve esse anel a sério e faça acontecer coisas que aconteceriam se tal objeto existisse (CARPENTER; TOLKIEN, 2006, p. 121).

Dessa forma, compreendemos como é possível que em uma história fantástica, cheia de elementos extraordinários, se encontre referências ao nosso mundo comum, e personagens e circunstâncias que de alguma forma revelam nossas próprias dificuldades, às vezes de forma ainda mais clara.

Para melhor falar sobre isso na história de Tolkien, traremos a seguir alguns exemplos de identificação possível através das pequenas criaturas inventadas pelo autor: os *hobbits*.

4. Aplicabilidade nos hobbits: breve olhar sobre Bilbo e Frodo Bolseiro

Como falamos, Bilbo Bolseiro era um *hobbit* preocupado apenas com seu estilo de vida “hobbitesco”, que envolvia uma aversão a qualquer tipo de guerra e não dar importância ao que estava acontecendo fora do Condado. Porém, embora não soubesse, nele havia algo de diferente dos outros, algo que Tolkien diz ser uma “centelha” dormente, existente em um entre mil *hobbits* (CARPENTER; TOLKIEN, 2006).

Sua vida segue comum, em sua toca confortável onde mora, até a chegada de Gandalf, o mago cinzento. Ele, junto com treze anões aparece perturbando toda sua paz, desestabilizando seu cotidiano e o convidando para participar de uma aventura:

- Estou procurando alguém para tomar parte numa aventura que estou arranjando e é muito difícil achar gente.
- Imagino que sim - nestas partes! Somos gente simples e quietas e não queremos saber de aventuras. Coisas desagradáveis, perturbadoras e desconfortáveis! Fazem o sujeito se atrasar para o jantar! Não consigo imaginar o que alguém vê nelas - disse nosso Sr. Bolseiro (TOLKIEN; ANDERSON, 2021, p. 47).

Bilbo, como vimos, odeia aventuras, mas aquela centelha presente nele o impulsiona a aceitar o convite, e sem esperar por isso, o *hobbit* se vê envolvido em uma grande jornada para recuperar das garras de um dragão, uma montanha cheia de ouro que antes pertencia aos anões.

Durante toda a longa aventura, Bilbo afirma várias vezes não gostar de aventuras, e pensa sobre como gostaria de estar em casa: “- Queria estar em casa na minha toca gostosa, ao lado do fogo, com a chaleira começando a cantar. - Não foi a última vez que desejou isso” (TOLKIEN; ANDERSON, 2021, p. 73). Além das situações desconfortáveis e perigosas as quais enfrenta, ele também precisa lidar com o fato de que alguns de seus companheiros anões duvidam de sua capacidade e não entendem por que ele foi o escolhido para seguir com eles, questionando o que Gandalf viu em uma criatura tão pequena e acomodada.

Em contrapartida, a cada nova etapa da viagem, Bilbo demonstra cada vez mais seu valor. É ele quem, em muitas situações, salva a vida de seus companheiros e, ao final, quem através de uma atitude de nobre coragem e generosidade resolve grande parte da batalha pela conquista da montanha. Em cada nova aventura, Bilbo surpreende seus colegas de viagem, a si mesmo, e até mesmo Gandalf, que o tinha escolhido e enxergado seu valor antes de tudo.

Em um momento em que se perde do grupo, Bilbo encontra um anel capaz de deixá-lo invisível e conhece uma criatura que vive nas profundezas de uma montanha: Gollum. Diante de tal personagem assustador e sem nenhum caráter, Bilbo age com piedade. O achado do anel e a ação de Bilbo diante de Gollum são elementos que serão mais importantes para o destino da Terra Média do que parece à primeira vista.

A aventura de Bilbo muito fala ao homem comum, e pode ser o que acenderá a centelha no coração de muitos leitores que estão confortáveis em sua “toca”. Ao ler a história percebemos que Bilbo estava acomodado, nada acontecia em sua vida e continuaria sem acontecer se ele não tivesse aceitado a jornada. O senhor Bolseiro pode representar muitos de seus leitores, que desejam apenas o conforto, sem saber que há um mundo extraordinário fora da toca, ou mesmo, que aspiram a esse mundo, mas não têm a coragem de deixar algo para trás e correr em direção à aventura.

A história demonstra que os perigos existem e servem para provar os próprios valores e amadurecer a personalidade. Sem as desventuras enfrentadas por Bilbo, ele mesmo nunca descobriria sua coragem, sua generosidade, sua sabedoria e sua perspicácia; essas virtudes não teriam como amadurecer e nem como servir para algo, pois estavam limitadas à vida em uma toca solitária.

Todos esses elementos da história de Bilbo podem falar muito aos leitores, e é por isso que o protagonista de *O Hobbit*,

por mais estranho que seja fisicamente, nos toca porque encarna com grande injustiça psicológica toda uma mentalidade do homem médio, dividido entre o amor por seus chinelos, por sua vidinha sossegada, e os grandes sonhos de aventura que sempre surgem em alguns momentos, Bilbo - como todos nós - reúne Dom Quixote e Sancho Pança (HELD, 1980, p. 152).

Esse é um ponto onde o fantástico toca o real, no qual um leitor pode se identificar com Bilbo, seja pelas semelhanças que encontra nele, ou pelas diferenças e características que passa a admirar e a almejar no personagem. Isso porque Bilbo foi construído a partir das experiências de um homem comum, vivente em um mundo prosaico concreto, que inspira e dá vida ao mundo fantástico. Bilbo é um ser estranho, em uma terra estranha, que fala muito ao leitor comum em seu mundo comum. É também uma história de enobrecimento, de um personagem pouco ávido a realizar grandes feitos, de alguém que não tem nada de heróico e, em seguida, se transforma em um herói (CARPENTER; TOLKIEN, 2006).

Assim, há um grande poder de identificação com o personagem, pois ele começa como um homem comum e depois há possibilidade de inspiração, ao ver um ser tão pequeno, tão pouco propenso a grandes feitos, ser tão importante para a história.

Essa é apenas uma visão que se pode encontrar em *O Hobbit*. Nas aventuras de Bilbo e de seus companheiros, há muitos outros elementos e formas de enxergar a narrativa, mas cada leitor deve, a partir de suas próprias experiências, realizar suas conexões.

Haveria muito ainda a se falar sobre a aplicabilidade dessa história: a ganância do dragão, a arrogância de Thorin e entre outras conexões, mas neste artigo nos deteremos a falar sobre os *hobbits*; aliás, na trilogia lançada na sequência eles continuam a representar muito bem, em meio ao fantástico da Terra Média, os problemas do homem comum.

Em *O senhor dos Anéis*, trilogia de livros que dá continuidade à aventura iniciada por Bilbo, seu sobrinho Frodo descobre que os tempos de segurança do Condado estão perto do fim, pois um poder maligno ameaça aquele mundo. Com isso, descobre, com ajuda de Gandalf, que o anel encontrado por seu tio Bilbo em sua aventura passada, é uma força do mal e deve ser destruído.

Diante de tais acontecimentos, Frodo deseja, como todos nós diante de circunstâncias difíceis no nosso mundo desejamos, que isso não acontecesse na sua vez: “- Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época - disse Frodo. - Eu também - disse Gandalf - Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado” (TOLKIEN, 2000, p. 53). De todo modo, a resposta de Gandalf serve como luz para todos nós e para Frodo, que apesar de se ver diante de um problema muito maior que ele, e de não querer assumi-lo, realiza a única atitude digna que poderia ter nessa situação: aceitar a missão de ser o portador do anel, e levá-lo para ser destruído: “- Levarei o Anel - disse ele - embora não conheça o caminho” (TOLKIEN, 2000, p. 286). Assim, o pequeno *hobbit* embarca em uma grande e perigosa jornada para destruí-lo, para isso, irá acompanhado de mais três *hobbits* amigos, um elfo, dois homens, um anão e um mago.

Frodo não quer ser um herói, quer continuar sendo um simples *hobbit*, mas aceita o desafio, pois é sua responsabilidade, nos fazendo pensar nos nossos próprios fardos, e como devemos carregá-los com coragem.

Em sua jornada, uma das dificuldades com a qual Frodo precisa lidar é Gollum, o antigo dono do anel. Embora o *hobbit* queira acabar com ele, também aprende a ter piedade, e assim, esse nobre sentimento, tão difícil de cultivar diante de criatura tão grotesca, e que também esteve presente em Bilbo, será essencial para que a história tenha um final feliz. Dessa forma, um *hobbit*, um ser tão estranho a nós, aparece repleto dos mesmos questionamentos, medos, desejos e sentimentos que cercam nossa humanidade.

Além disso, nessa história a amizade é colocada em evidência, é só porque conta com amigos fiéis que consegue enfrentar os desafios, seus amigos se recusam a deixá-lo partir sozinho e é Gandalf quem evidencia o valor de sua lealdade: “[...] É verdade que se estes *hobbits* entendessem o perigo não ousariam ir. Mas ainda assim desejariam ir, ou desejariam ousar [...]. Eu acho, Elrond, que nessa questão seria bom confiar mais na grande amizade deles do que na grande sabedoria” (TOLKIEN, 2000, p. 293, grifo do autor). Desse modo, na jornada de Frodo, podemos encontrar reflexos de nossos próprios desafios. O desejo de Frodo de não carregar o

fardo é o desejo próprio de nosso coração humano, mas que se vê inspirado pela conduta do *hobbit*. O Anel também pode simbolizar algo que nos corrompe, e que devemos lutar arduamente para destruir, senão acabaremos como Gollum. A piedade presente no coração dos dois Bolseiros é uma virtude inspiradora para qualquer ser humano. Por fim, a amizade e a lealdade encontrada entre os *hobbits* é também presente no ser humano, é uma necessidade e algo capaz de suavizar o peso do fardo, e tornar mais leve a jornada.

No medo e receio de Frodo, enxergamos nosso próprio coração; nesta aventura, podemos ver nossa própria jornada, em seus defeitos e suas virtudes há reflexos de nós mesmos; na lealdade de seus amigos, encontramos conforto. É, desse modo (e de muitos outros, a depender de cada leitor), que os *hobbits*, criaturas estranhas em um mundo estranho, podem falar tanto ao coração humano e que o leitor comum pode se identificar com os elementos extraordinários de uma narrativa fantástica.

Considerações finais

A partir das discussões fomentadas neste artigo, foi possível perceber as obras de Tolkien: *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* como parte da literatura maravilhosa, pois ocorrem em um Mundo Secundário, um local onde o sobrenatural pode ocorrer sem que este seja questionado. No mundo criado por Tolkien, *orcs*, magos e *hobbits* são seres naturais. A partir disso, levando em consideração a perspectiva modal, vimos também a literatura maravilhosa como uma das formas de expressão do que costumamos chamar de literatura fantástica.

Visto que estas histórias contêm personagens extraordinários, presentes em um mundo também extraordinário, questionamos com o que o leitor poderia se identificar nestas histórias, seria possível que ao ler ele visse conexões entre estes personagens e situações fantásticas, com sua vida no mundo prosaico? Como a história sobre um *hobbit* buscando recuperar um tesouro das garras de um dragão, ou destruir um anel em uma montanha, poderia falar a um leitor comum?

Para responder, vimos com Jacqueline Held (1980), que toda a história, por mais fantástica que seja, carrega elementos humanos, afinal, foi escrita por um homem. A seguir, as cartas escritas pelo próprio Tolkien revelam que ele, mesmo sem intenção, trouxe para a história elementos de sua experiência pessoal e do mundo que ele conhecia, transformando aquele universo fantástico com seres sobrenaturais para nós, em uma história rica do que ele chama de “aplicabilidade”.

Em seguida, a partir de um breve passeio sobre a jornada de Bilbo e Frodo Bolseiro, foi possível perceber como há, nestes seres tão incomuns, os *hobbits*, tantas semelhanças com nossa natureza humana, com as quais podemos encontrar identificação e, muitas vezes, incentivo e coragem, para, como eles, enfrentar uma grande jornada, apesar de nossos gostos e receios “hobbitescos”.

Assim, através da discussão levantada nesta pesquisa, ressaltamos que as histórias fantásticas, por terem sido criadas a partir da vivência de seu autor, contêm elementos com as quais os leitores podem se identificar e estão repletas de aplicabilidade que ajudam o leitor, através do sobrenatural, a compreender melhor o Mundo Primário onde vive. Portanto, parece que estes dois mundos (o prosaico e o fantástico), não são paralelos, mas se encontram e se tocam em diversos momentos, em uma relação de completude.

ALLEGORY AND APPLICABILITY: THE INTERSECTION BETWEEN THE REAL AND THE FANTASTIC IN THE HOBBITS

ABSTRACT: Considering the growing interest in fantastic stories, we seek, in this article, to analyze Tolkien's fantastic characters, the hobbits, and understand whether such fantasy stories, although surrounded by the supernatural, bring elements that help the reader to reflect on the prosaic world where they live. To this end, we investigated this theme based on authors such as Tolkien (2006) and Held (1980), who helped us to establish possible connections between the fantastic and the real.

Keywords: Fantastic Literature. J. R. R. Tolkien. The hobbit.

REFERÊNCIAS

CARPENTER, H.; TOLKIEN, C. *As cartas de J. R. R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

FURTADO, F. *Fantástico: modo. E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/fantastico-modo/> Acesso em 14 Fev. 2022.

GARCÍA, A. M. Os jovens diante das telas: novos conteúdos e novas linguagens para a educação literária. In: RETTERNMAIER, Miguel; ROSING, Tânia. (Org.). *Questões de Literatura na tela*. Passo Fundo: UPF, 2010.

HELD, J. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. São Paulo: Sumus, 1980.

ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. São Paulo: Unesp, 2014.

ROCHA, F. Q. Tendências teórico-críticas na Literatura de fantasia: de Tolkien a Mendlesohn. In: FRITSCH, V. H. C; ROCHA, F. Q; ZILBERMAN, R (Orgs.). *Aspectos do romance de fantasia: Motivos míticos e maravilhosos na literatura*. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2022.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis: A sociedade do Anel*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

TOLKIEN, J. R. R. *Sobre história de fadas*. São Paulo: Conrad Editora, 2006.

TOLKIEN, J. R. R; ANDERSON, D. *O Hobbit anotado*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

Data de Submissão: 28/04/2023

Data de Aceite: 18/09/2023